

Os Compositores

19/12/99

A Oitava Sinfonia de Beethoven em Fá Maior opus 93 foi composta no verão de 1812 e muito rapidamente, coisa incomum no processo compositivo do autor.

A sua primeira execução deu-se em Viena, num concerto em que ela foi apresentada juntamente com a Sétima, obtendo um sucesso menor do que essa última. A razão disto deve ser encontrada no fato de que a Oitava, embora mantendo as características típicas do gênio beethoveniano, olha um pouco para traz, isto é, para uma concepção



bastante 'clássica, quando o gosto do público já se orientava para o romantismo. É o mesmo motivo pelo qual Wagner, já imbuído do mais ardente romantismo, não apreciava a Oitava, julgando-a expressivamente fria. Não era igual, porém, a opinião de Berlioz que mostrava apreciar a Oitava acima das outras sinfonias, coincidentemente com a opinião do próprio autor.

A primeira edição da sinfonia é de 1817 apresentado-a Beethoven como "Sinfonia Piccola", isto é, pequena quanto a duração que passa de pouco os 25 minutos. Foi talvez por isto que na edição a Coda do primeiro tempo foi enriquecida por

Beethoven de 34 novos compassos. Mas a sinfonia não é absolutamente pequena com relação ao seu admirável conteúdo de repentina serenidade e de ouvido atento a sugestão dos ritmos populares.

Sinfonia clássica portanto, ou melhor, sinfonia de nostalgias clássicas, tanto assim que o scherzo, criação beethoveniana desde a segunda sinfonia deixa de novo lugar ao minueto que havia desaparecido depois da Primeira Sinfonia.

Apesar dos recursos da instrumentação beethoveniana, a orquestração é freqüentemente límpida e transparente, uma

04

orquestração da qual um Ravel devia gostar muito.

O primeiro andamento começa estranhamente sem uma verdadeira introdução, mas apenas com a apresentação dos incisos temáticos com caráter imponente. O allegro que segue é dominado pelo ritmo e pelos recursos de uma métrica original. Grande é a Coda que depois de uma sonoridade intensa Beethoven tem a coragem de terminar em piano e pianíssimo .

O segundo andamento leva a denominação agógica de allegretto scherzando e o seu tema inicial é a evocação de uma ~~uma~~ cânone que Beethoven havia composto por brincadeira e com palavras jocosas,

endereçado ao seu amigo Nepomuceno Mälzel, inventor do homônimo metrônomo. Berlioz define esse andamento totalmente inimitável pela sua genial novidade. Toca a Filarmônica de Berlim sob a regência de Karajan.

Música (12:56")

Disco: 01 Faixas:

01 e 02

No terceiro andamento, como já dissemos, no lugar do scherzo retorna o minueto que na verdade é mais um ländler, transformação popular do minueto palaciano e, por sua vez, pai da valsa.

Finalmente o último andamento allegro vivace é complexo e

engenheiro em sua estrutura formal, Cintilante vivacidade atribui-lhe Berlioz que define os temas esplêndidos e desenvolvidos de maneira nova. A primeira idéia deste último andamento é uma transformação rítmica do tema do allegretto, isto é, do segundo andamento.

Estranhamente por muito tempo a Oitava não teve a sorte e o sucesso das outras sinfonias mas hoje o preconceito clássico não só não é avaliado negativamente mas quase apreciado pela poética contemporânea. Afinal, e com todo respeito, não estamos com Wagner, mas com a admiração de Berlioz.

Toca a Filarmônica de Berlim sob a regência de Karajan.

Música (13:17”)

Disco: 01 Faixas: 03

e 04

Na semana passada ouvimos a ouverture de “La gazza ladra” de Rossini mas, devido a premência do tempo não pudemos falar das ouvertures de Rossini, coisa que vamos fazer hoje.

Sabemos que na maior parte dos casos a ouverture precede uma ópera e que ela é construída em forma sonata, geralmente com ampla introdução, como um primeiro tempo de sinfonia.

A esse esquema pertencem também as ouvertures operísticas de Gioacchino Rossini, o qual porém introduz nelas algumas características próprias, ou melhor, três características fundamentais. A primeira é a distinção tímbrica entre as duas idéias da exposição e da reexposição, sendo que a primeira idéia é normalmente confiada às cordas, com poucas excessões entre as quais “L’Italiana in Algeri” e a segunda às madeiras freqüentemente integradas pelas trompas. A segunda característica atinge o desenvolvimento, praticamente eliminado e substituído por uma simples transição. A terceira característica

está na frase conclusiva da exposição e da reexposição estruturada nos moldes do típico crescendo rossiniano obtido com a acumulação das famílias instrumentais. Esse tipo de crescendo que fez com que os franceses, sempre classicamente compostos chamassem Rossini de Monsier Vacarmini, sendo que em francês vacarme significa ruído e confusão. Mas não há confusão em Rossini, há exuberância e felicidade sonora.

Vamos ouvir hoje a ouverture do Guilherme Tell, ópera séria composta por encomenda do Teatro Dell'Opéra de Paris e estreada, inclusive, com libreto francês. Era o

10

esquema formal do grand opéra francês tipicamente romântico e cenicamente complexo. Rossini soube escrever uma obra prima; mas com excepcional capacidade de auto-conhecimento entendeu que o caminho do romantismo não era o seu. E teve a coragem de abandonar a composição operística recolhendo-se em Paris em silenciosa apoteose, pontilhada só pela criação de pequenas peças pinísticas e vocais e pela genial criação da pequena Missa e do Stabat Mater.

A ouverture do Guilherme Tell é de extraordinária potência comunicativa e de vigorosa energia, contrastada pela evocação do Ranz des Vaches, dança típica da Suíça,

11

país em que a ação se desenrola .
Note-se a maravilhosa introdução
confiada a cinco violoncelos
solistas, de emocionante
expressividade.

Vamos ouvir então a ouverture
do Guilherme Tell com a Orquestra
Sinfônica de Roma sob a regência
de Tulio Serafim.

Música (11:46”)

Disco: 02 Lado: 01

Faixa : 03